



## A Dialética Erística como Produto da Metafísica da Vontade

Luiz Guilherme Bakker

Doutorando em Filosofia pela PUC-Rio

E-mail: luizbakker@protonmail.com

### Resumo

O presente texto analisa a Dialética Erística de Arthur Schopenhauer, e pretende elucidar sua ligação com sua Metafísica da Vontade. Além de ir de encontro ao iluminismo de sua época, Schopenhauer também discordou de Aristóteles e ofereceu uma outra visão para a dialética, bem como uma utilidade prática, sempre ressaltando sua importância. Na estrutura que se segue, será apresentada a Dialética Erística e seu fundamento, com o objetivo de buscar descobrir qual sua relação com a Metafísica da Vontade do filósofo de Danzig.

**Palavras-Chave:** Schopenhauer, Dialética Erística, Vontade, Metafísica.

### Abstract

The current paper analyzes Arthur Schopenhauer's Eristic Dialectics, and intends to elucidate its connection with his Metaphysics of Will. Besides going against his time's iluminism, Schopenhauer also disagreed with Aristotle and offered another view to dialectics, as well as a practical use, always putting emphasis on its importance. On the following structure, the Eristic Dialectic will be presented along with its foundation, aiming to find out its relation with the philosopher from Danzig's Metaphysics of Will.

**Keywords:** Schopenhauer, Eristic Dialectics, Will, Metaphysics.



### Introdução

A presente estrutura tratará da relação entre a Metafísica da Vontade de Schopenhauer e sua Dialética Erística. Equivocadamente interpretada como um manual de patifaria, posteriormente abandonada pelo próprio autor, a Dialética Erística articula-se a partir do desejo que o indivíduo tem de vencer uma disputa intelectual que, em sua percepção, começa na medida em que ele não aceita uma discordância a respeito de uma tese que propôs. Considerando seu orgulho ferido, ele se sente, então, quase na obrigação de revidar e “ficar com a razão”, mesmo que, para isso, precise desmoralizar aquele que agora vê como seu oponente.

Por constar apenas de um pequeno tratado, a Dialética Erística aparenta ser um dos assuntos menos explorados por Schopenhauer durante sua vida. Afinal, após apresenta-la em sua obra *Eristische Dialektik: Die Kunst, Recht zu behalten*, traduzido para o português com o título *A Arte de ter Razão (2001)*, ele abandonou todos os seus estudos sobre ela, fazendo apenas uma breve menção no §26 do capítulo 2, no segundo livro de seu *Parerga e Paralipomena (1850)*. O texto intitulado *A Arte de ter Razão*, inclusive, foi publicado postumamente. Como consequência, existe uma falsa impressão de que Schopenhauer não daria importância a este tema.

Tal impressão, no entanto, é equivocada. Por mais que esse tema não seja trabalhado frequentemente por seus comentadores, a Dialética Erística possui bastante importância, pois consiste em um modo de saber lidar com pessoas que apelam para a desonestidade intelectual para desmoralizar seus oponentes, fazendo uso de estratégias. O objetivo dela, então, é ensinar o indivíduo a identificar e neutralizar tais estratégias para defender sua tese. (possível contra-ataque)

Schopenhauer menciona, em seu *Parerga e Paralipomena*, que abandonou seus estudos sobre a Dialética Erística. Porém, ao fazê-lo, ele afirma: “Pôr-me agora a ilustrar todas essas escapatórias da limitação e da incapacidade, irmãs da obtusidade, da vaidade e da desonestidade, causa-me náuseas” (SCHOPENHAUER, 2000, cap. 2, §26). Assim sendo, o motivo por trás de seu abandono não tem qualquer relação com importância, mas sim com temperamento. Schopenhauer simplesmente não tinha mais paciência para lidar com pessoas que faziam uso dos estratégias o tempo inteiro.



A Dialética Erística não é desconectada da Metafísica da Vontade. Os mesmos aspectos inerentes ao indivíduo que inicia uma contenda são os que o tornam submisso a seus desejos: a desonestidade e o egoísmo. Sua recusa em conceder a razão ao oponente se origina do sofrimento gerado pelo desejo de ‘estar certo’. Na estrutura que se segue, será apresentado como a Metafísica da Vontade fundamenta e permite a compreensão da Dialética Erística.

### **Dialética Erística**

Ao apresentar sua Dialética Erística, Schopenhauer a separa da lógica imediatamente. Para ele, lógica é a ciência dos modos de proceder da razão, que se faz puramente *a priori*, enquanto que a dialética é oriunda da individualidade humana, esta sendo puramente empírica. As duas são, portanto, incompatíveis, pois acontecem em momentos diferentes. Onde uma começa a outra já terminou. De fato, a Dialética Erística é, por definição, uma forma dialética que trabalha com verdades aparentes. A razão, por sua vez, segundo Schopenhauer, trabalha com a verdade objetiva, que não pode apenas parecer correta nem possuir qualquer aspecto subjetivo: ela deve ser direta e incontestável. Não que seja absoluta, posto que o filósofo de Danzig sempre se pôs contra qualquer forma de absolutismo, mas sim que ela seja tão objetiva que o mero ato de contestá-la seja, por si só, ilógico.

Cada um possui a sua própria habilidade de demonstrar esperteza e maldade ao lidar com outra pessoa em um debate. O indivíduo que crê estar com a ‘razão’ pode ser dissuadido de sua convicção, ou apenas ser incapaz de defender sua proposição. Dado que a ocorrência de falsos juízos é frequente, Schopenhauer, em sua *Arte de ter Razão*, considera fácil encontrar alguém que demonstre falta de dialética natural. O filósofo de Danzig a considera um dom distribuído tão desigualmente quanto a capacidade de julgar, ou mesmo a faculdade de razão.

Por mais que a razão disputada em um debate [*Rechthaben*] não seja a mesma faculdade de razão [*Vernunft*], não seria errado considerar uma possível relação entre a *Vernunft* e a dialética. Tendo em vista que uma esgrima intelectual requer a capacidade de defender a própria proposição enquanto ataca a do oponente, algo que exige uso da reflexão, e um indivíduo frequentemente apela para a desonestidade puramente para ganhar tempo e pensar em uma resposta, então pode-se concluir que sim, a dialética requer constante uso da faculdade de razão, tanto a teórica, compreendendo a capacidade de representar, quanto a prática, no que



compreende a forma de agir com honestidade, ou falta dela, quando o indivíduo participa de uma contenda.

A Dialética Erística não possui nenhum aspecto apaziguador em si. Isso ocorre porque o indivíduo que começa um debate não o faz para repensar seus próprios argumentos, mas sim para derrubar a tese de seu oponente ou desmoralizá-lo. Assim, a Dialética Erística não é, de modo algum, voltada para a geração de acordos. Seu objetivo é unicamente voltado para o comportamento do indivíduo dentro de um debate.

Segundo Silvia Saes, “não há meio termo neste cenário descrito por Schopenhauer: ou há concordância mecânica na razão pura a priori - (...) - ou há batalha espiritual entre individualidades divergentes” (SAES, 2015, p.131). Ou seja, só existem duas possibilidades práticas quando dois indivíduos estão dialogando: Na primeira possibilidade, eles permanecem no campo da pura lógica e, conforme Schopenhauer, concordariam “como dois relógios sincronizados” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 59). Porém, assim que um deles percebe que o outro possui pensamentos sobre o mesmo assunto, seu primeiro impulso não é o de reavaliar a própria opinião, mas sim pressupor o pensamento alheio como incorreto. Isso ocorre graças à sua prepotência natural, que o leva a considerar o erro no outro antes de considerá-lo em si. Daí, ele busca, com todos os meios que tem, provar que o outro indivíduo que está errado. Este, por sua vez, age exatamente da mesma forma, iniciando a esgrima intelectual. Em ambos os lados, a motivação deixa de ser a busca pela verdade e passa a ser apenas a autoafirmação. Eis, então, o motivo pelo qual o indivíduo não tem como objetivo repensar sua proposição: ele só quer validação. Seu comportamento evidencia isso. Ao ser questionado, ele entende a discordância como um ataque pessoal, e se vê quase obrigado a revidar e, de certo modo, atacar de volta.

Esse argumento encontra respaldo ao considerar-se a afirmação de Silvia Saes em seu texto “A Arte de ter Razão”, título homônimo da tradução da obra de Schopenhauer. Nela, a comentadora afirma que a ‘razão’ buscada no embate, chamado, por ela, de arena social, é a razão em conflito, e a disciplina a descrever seus métodos se confundirá com o que Schopenhauer denomina de “doutrina do modo de proceder pertencente à natural prepotência humana” (SCHOPENHAUER, 2001, p.60), também denominada como a Dialética Erística.



O conceito por trás da Dialética Erística é que não há necessidade de ser razoável para ter razão. De fato, o indivíduo sequer precisa efetivamente estar certo, ele só precisa aparentar isso, ou seja, basta que ele seja convincente em sua argumentação. Afinal, não é sempre que o indivíduo terá a resposta perfeita quando for questionado. De fato, uma das motivações em estender o debate é justamente a crença de que “ocorrerá outro argumento para derrubar aquele ou confirmar nossa verdade de outra forma” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 5). Mas, discordar por discordar não é o suficiente, pois o adversário pode apontar que a pessoa está tentando ganhar tempo. Movida pela desonestidade e o egocentrismo que lhe são naturais, essa mesma pessoa apela para estratégias para desmoralizar seu oponente ou soar convincente ao debater com ele. Por outro lado, estes não são infalíveis, e podem ser neutralizados tão logo sejam identificados.

Com base nisso, pode-se concluir que a Dialética Erística possui uma importância para a interação humana em um debate. Não apenas isso, mas ela também possui uma grande utilidade prática, visto que Schopenhauer a apresenta como uma forma de lidar com a desonestidade alheia. Sem ela, seria muito mais difícil defender as próprias proposições ao entrar em um debate, pois o indivíduo seria ludibriado pelos estratégias do oponente.

A Dialética Erística é diferente da dialética comum. Por mais que se considere a definição dada por Schopenhauer, as opiniões consideradas não precisam ter um valor real, basta que tenham validade aparente, e que o indivíduo seja convincente ao defender sua tese. Por outro lado, a dialética aristotélica concerne opiniões que sejam aceitas de forma real, isto é, que sua validade seja um consenso geral. Aristóteles, de fato, define a erística como uma ilusão argumentativa, voltada para enganar outro indivíduo e fazê-lo conceder premissas que só aparentam ser verdadeiras. Schopenhauer, por sua vez, rejeita a distinção aristotélica entre o que é evidente ou não, referente à aceitação de opiniões, de modo que a ambivalência discursiva se torne inseparável. Segundo Saes, é nessa divergência que Schopenhauer diferencia ‘dialética’ de ‘erística’.

Dialética e Dialética Erística, então, não são a mesma coisa. Enquanto a primeira consiste apenas de uma análise, a segunda é definida como uma técnica para a esgrima intelectual. Os estratégias, ao serem utilizados na contenda tem, como objetivo, desestabilizar e desmoralizar o oponente, não buscar a verdade ou



esclarecer quaisquer dúvidas. Para lidar com isso, Schopenhauer propõe, então, uma forma de identificar e neutralizar tais estratégias, para que o indivíduo não se deixe levar pelos insultos e provocações que vier a receber.

Ocorre que a Dialética Erística foi apresentada por Schopenhauer como uma técnica de disputa intelectual. Ela tem como base a desonestidade e a vaidade que existem em todos os homens. O indivíduo, quando contestado, não deseja mais descobrir a verdade, mas sim partir para a esgrima intelectual, pois seu orgulho foi atingido. Ele se vê, então, quase que na obrigação de revidar o que considera um ataque por parte daquele que agora enxerga como oponente.

A maior diferença entre a dialética aristotélica e a schopenhaueriana é seu objetivo. Aristóteles a apresentava como uma espécie de disciplina que visava a obtenção de conhecimento, e mostrava como exercitá-la: primeiro, vem a pergunta inicial, esta indaga sobre a essência da argumentação e pode ser seguida de outras perguntas; em seguida, há a argumentação, que é a dedução das premissas apresentadas, bem como a conclusão delas com base em sua análise; então, vem a contradição, o momento onde cada um dos participantes do debate busca conduzir o outro enquanto tenta refutar as proposições apresentadas ali. A essência da dialética aristotélica é que os dois envolvidos devem concordar com certas premissas, pois estas são oriundas de ‘opiniões geralmente aceitas’ (*endoxa*), que devem ser, necessariamente, concedidas como verdadeiras. Sua verdade não vem de qualquer relação com a realidade, mas sim de um consenso geral, isto é, elas seriam consideradas opiniões com as quais todos concordam.

A divergência de Schopenhauer com Aristóteles ocorre exatamente nisso. O filósofo de Danzig baseia sua própria versão de dialética na desonestidade e na vaidade que são naturais ao ser humano. Segundo ele, o indivíduo jamais vai querer conceder a vitória a seu oponente, ou mesmo validade em seus argumentos. Pelo contrário, ele sequer vai se preocupar com a verdade ou com obter conhecimento, pois tudo o que quer é desmoralizar o seu adversário e sair vencedor. Trata-se meramente de uma disputa pela supremacia moral.

Por mais inerente que seja ao ser humano, sua desonestidade encontra uma justificativa: o objetivo do indivíduo é apenas ganhar tempo para pensar em um argumento melhor e continuar defendendo sua proposição. De certo modo, parte do debate gira em torno dessa ideia. Inclusive, o estratégia 18, apresentado por



Schopenhauer em sua *Arte de ter Razão*, consiste em impedir que o adversário conclua seu argumento, com o intuito de “afastar ou desviar a tempo o andamento da disputa, a fim de conduzi-la a outras questões [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 33). Isso é um sinal de que ambos estão se deixando levar por seu orgulho, posto que se recusam a abdicar da ‘vitória’, mesmo que isso signifique apelar para a desonestidade.

A proposta schopenhaueriana, então, é de utilizar a Dialética Erística de forma defensiva, isto é, identificar os estratagemas e utilizá-los tão logo eles apareçam. Em sua época, o filósofo de Danzig enfatizou a utilidade de seu tratado. No mundo atual, cada vez mais hostil, a Dialética Erística não é apenas útil, como também altamente necessária. Hoje em dia é quase impossível haver diálogo sem discussão, e os estratagemas são empregados cada vez mais cedo em uma contenda. Portanto, a proposta de Schopenhauer se torna mais adequada do que era em seu tempo.

É verdade que Schopenhauer abandonou seus estudos sobre a Dialética Erística. Porém, ele mesmo revela o motivo, no parágrafo 26 do Capítulo 2 de seu segundo *Parerga e Paralipomena*: “pôr-me agora a ilustrar todas essas escapatórias da limitação e da incapacidade, irmãs da obtusidade, da vaidade e da desonestidade, causa-me náuseas” (SCHOPENHAUER, 2000, § 26, p. 31). Ou seja, o constante apelo à desonestidade, por parte dos indivíduos, o deixou enojado com a índole humana, ao ponto de sentir-se nauseado simplesmente de pensar nisso. Schopenhauer, mais maduro, não encontrou mais motivação para trabalhar no tema. Isso não significa que a Dialética Erística não tenha utilidade, simplesmente significa que o filósofo de Danzig não tinha mais temperamento para ela.

Segundo Schopenhauer, a Dialética Erística possui uma utilidade muito importante: ela serve para “estabelecer e analisar aqueles estratagemas da desonestidade na disputa, para que nos debates reais eles possam ser logo identificados e aniquilados” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 13). Ela permite identificar a forma como o oponente manifesta sua desonestidade para rapidamente impedi-lo de ter sucesso. Ela é, então, uma forma de defesa contra a desonestidade humana, servindo para que o indivíduo possa proteger sua proposição, bem como a si mesmo, de ataques e insultos. Isso requer, no entanto, que esse indivíduo já assuma, de partida, que está com a razão, em vez de sequer considerar a



possibilidade de estar errado, ou não será capaz de defender sua tese. É por isso que Schopenhauer afirma que a Dialética Erística não possui qualquer compromisso com a verdade: os envolvidos precisam de uma certeza da validade de suas teses que não tem qualquer compatibilidade com a lógica.

Dado que os participantes de uma contenda não possuem qualquer interesse na verdade, não seria absurdo considerar que a Dialética Erística não contribui em nada com a busca por ela. De fato, esses participantes estão mais preocupados em derrotar um ao outro, o que justifica o argumento schopenhaueriano de que a maldade e a desonestidade são inerentes ao ser humano.

Independente da forma como se analise o comportamento humano em uma discussão, é fácil perceber um ponto em comum: onde acaba a razão, começa a persuasão. Ora, onde acaba a razão é justamente onde começa o debate, e o que é a Dialética Erística senão convencer o adversário de estar certo mesmo que apenas aparentemente? O que é um debate senão o ato de convencer outro indivíduo de que ele está errado, mesmo que ele, de fato, esteja certo? Assim sendo, tão logo a busca pela verdade cessa, começa a busca pelo argumento mais persuasivo, que seja mais convincente.

Chevitarese, em seu *Sobre o Fundamento Metafísico da Dialética Erística de Schopenhauer*, apresenta um argumento interessante: dado que Schopenhauer destaca a importância de conhecer os estratagemas para que não fosse necessário usá-los, então Chevitarese conclui que a importância de saber sobre os estratagemas seja, talvez, para “que possamos não usar tal Dialética, evitando controvérsias e conflitos que, dada a compreensão metafísica do caráter humano, não apresentam nenhuma significativa importância” (CHEVITARESE, 2015, p. 9). Tal conclusão possui forte compatibilidade com o argumento schopenhaueriano de que a Dialética Erística tem, como objetivo, conhecer os estratagemas para neutralizá-los rapidamente. Uma vez que o caráter volitivo leva ao desejo de “ter razão”, e este leva à discussão, expressão natural do indivíduo, por mais que a discussão seja inevitável, ela não é, de modo algum, produtiva, ou mesmo benéfica. Em verdade, discutir é pura perda de tempo, pois o que acontece é o surgimento de um adversário que tentará, a todo modo, impor sua visão do que julga ser verdade, mesmo que ele esteja enganado. Portanto, um conflito deve ser evitado a todo modo, visto que ele é plenamente dispensável.





Mas se o conflito é dispensável e pode-se simplesmente ignorar o oponente, deixando-o falar sozinho, para que aprender sobre a Dialética Erística? Justamente para perceber quando a situação está decaindo para uma discussão dispensável. Não apenas isso, mas nem sempre será possível evitar, ou mesmo escapar, de um debate. Aliás, no mundo atual, e no mundo virtual, é cada vez mais frequente a situação onde o indivíduo encontra-se arrastado, quase que forçado, a discutir com outra pessoa, mesmo que não queira. Independente da situação em si, até mesmo uma conversa comum pode ser sutilmente transformada em uma disputa intelectual a qualquer momento. Conhecer a Dialética Erística, bem como os estratagemas utilizados, ajuda o indivíduo a perceber exatamente quando isso está ocorrendo e, acima de tudo, compreender quando seu oponente atinge um ponto onde está tentando impor sua “verdade”, abandonando seu compromisso com a lógica e seu desejo de saber o que é, de fato, verdade. Saber sobre os estratagemas possibilita, então, saber o momento certo de escapar da situação e evitar perder tempo com uma discussão qualquer.

#### **Metafísica da Vontade**

A Metafísica da Vontade de Schopenhauer não pode ser explicada com muitos detalhes nesta estrutura. Não obstante, o próprio filósofo precisou trabalhá-la em seus dois volumes do *Mundo como Vontade e Representação* (Doravante MVR). O que será apresentado aqui constitui apenas um breve apanhado desta parte, que é o alicerce da filosofia schopenhaueriana, com o intuito de apresentar e esclarecer sua relação com o que foi abordado até o presente momento. Para isso, serão utilizados como bases os artigos *Sobre Schopenhauer e as imperfeições do intelecto humano*, escrito em 2011 por Eduardo Ribeiro da Fonseca, e *Sobre o Fundamento Metafísico da Dialética Erística de Schopenhauer*, escrito em 2015 por Leandro Chevitaese.

Para o filósofo de Danzig, a Vontade é o que está no fundamento de tudo. Ela é a coisa-em-si. Porém, o ser humano cai na ilusão de acreditar que ela incorre em um livre arbítrio, a partir do momento em que o indivíduo faz uso de sua faculdade de razão para racionalizar seus desejos. Schopenhauer qualifica essa ilusão como produto do iluminismo, que colocava a razão em um patamar tão absoluto que ela seria o cerne do comportamento humano, em particular, na moral. Eduardo Fonseca, ao analisar este aspecto da filosofia schopenhaueriana, afirma



que, para o filósofo de Danzig, “A racionalidade é um aspecto do psiquismo humano e não seu fundamento” (FONSECA, 2011, p. 120).

Schopenhauer se diferencia dos outros filósofos de sua época porque ele foi de encontro ao iluminismo, que colocava a razão como alicerce de todas as ações humanas. Segundo o filósofo de Danzig, a razão diferencia os homens dos animais, pois ela os torna capazes de criar conceitos abstratos. Entretanto, isso originou a ilusão de que o ser humano é regido pela razão. Tal ilusão é um produto da concepção iluminista, que apresentava o homem como um ser regido pela razão. Para Schopenhauer, no entanto, em seu *Mundo como Vontade e Representação*, o verdadeiro governante das ações dos indivíduos é a Vontade.

O motivo pelo qual a razão não tem poder sobre a Vontade é que esta ocorre *a priori*, e a primeira ocorre *a posteriori*. Quando o indivíduo pensa em como a Vontade pode afetá-lo, é porque ela já agiu sobre ele. Tudo que ele pode fazer, então, é refletir sobre ela e entender a relação entre causa e consequência. A razão só pode avisar e aconselhar. Convém ao indivíduo segui-la, ou não. De fato, o livre-arbítrio não passa de uma mera ilusão: o ser humano é movido pela Vontade enquanto acha que possui alguma capacidade de seguir uma motivação racional.

A metafísica schopenhaueriana apresenta o mundo como Vontade e o mundo como representação. Isso não significa que existam dois mundos ao mesmo tempo, pois a Vontade está metafisicamente fora do tempo. Ambos estão, entretanto, ligados pela manifestação, isto é, a Vontade se objetiva nas representações de forma tal que ela não se divide, tampouco se projeta. Por exemplo, é dela que vem uma vida, mas tal vida não a contém, e extingui-la não subtrai absolutamente nada da coisa-em-si.

Basicamente, o mundo como Vontade é a coisa-em-si, além do tempo e do espaço, como dito antes, essência íntima. Não apenas do ser humano, mas de todas as coisas. Mas não é possível interagir com esse mundo, porque a Vontade se objetiva nas representações. Assim que ela se manifesta, se torna, então suscetível ao tempo e ao espaço, se tornando, assim, uma representação, um fenômeno. Por isso, não é possível interagir com ela diretamente: uma vez que ela existe além do tempo e do espaço, não está suscetível à causalidade, isto é, está além do que pode ser compreendido. O indivíduo pode apenas interagir com suas representações.



Mas como isso ocorre? Por intermédio do corpo humano. Segundo Chevitarese, “a vontade se faz presente em toda manifestação empírica” (CHEVITARESE, 2015, p. 4), isto é, tudo o que se percebe por intermédio do corpo. É verdade que este intui tudo a priori, mas o entendimento, ou seja, a compreensão do que está sendo percebido por ele ocorre somente a posteriori, através da causalidade, esta percebida pela faculdade de Razão presente em todos os homens.

E qual o papel do corpo nisso? Segundo Schopenhauer, o corpo humano é um sujeito, enquanto fenômeno, pelo qual há a percepção das representações, isto é, ele é o ponto de contato entre os domínios físico e metafísico. No parágrafo 6 de seu primeiro MVR, no entanto, o filósofo de Danzig adverte que não utiliza o termo ‘objeto’ em sua acepção estrita, o que o permite utilizá-lo para casos em que ele se refere à Vontade. Segundo a análise de Cacciola em *Schopenhauer e a Questão do Dogmatismo*, de 1994, a metafísica de Schopenhauer não recorre a qualquer elemento transcendente para explicar essa relação entre corpo e objeto.

O corpo, enquanto objeto, é, então, manifestação da Vontade. Isso significa que ela é o impulso que atinge todos os movimentos, desde os voluntários até os involuntários. Isso não se limita apenas ao físico ou ao biológico, mas também abrange a consciência humana, influenciando os pensamentos e fazendo com que o indivíduo possua desejos. Estes, por serem produtos da Vontade, não podem ser sequer silenciados. Ora, se ela é quem faz o homem ter desejos, isso inclui também o querer ter “razão” ao encontrar oposição de outra pessoa em uma dialética.

### **A Dialética Erística Como Produto da Vontade**

À primeira vista, não parece existir conexão entre a Dialética Erística e a Metafísica da Vontade de Schopenhauer. Porém, logo no começo de sua *Arte de ter Razão*, o filósofo já indica a correlação entre seu pequeno tratado e seu fundamento metafísico: ele afirma que a Dialética Erística se origina da “maldade natural do gênero humano”, da “ vaidade inata, particularmente suscetível no que concerne à inteligência”, e que a esta “associam-se, na maioria dos indivíduos, uma verbosidade e uma desonestidade também inata” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 4).

Segundo Chevitarese, essas características “surgem como sintomas da essência do mundo” (CHEVITARESE, 2015, p. 3). Então, essa Decifração Metafísica mostra que, no fundo de tudo existe apenas um fundamento de significação: a Vontade. A essência de todo ser humano a possui, e ela age



cegamente, sempre faminta, mas igualmente insaciável. Todo querer tem, como sua base, uma necessidade e uma carência. Na verdade, é esse caráter volitivo que permite o entendimento da forma como todo debate se desenrola: o indivíduo participa da esgrima intelectual porque quer, seu desejo é obter uma vitória, uma conquista do que ele acredita ser a “razão”. É essa conquista que, para ele, o faria “estar certo”. Esse desejo, então, sobrepuja o intelecto, por mais que esse indivíduo não tenha consciência disso.

Saes, em seu artigo que carrega o mesmo nome da obra schopenhaueriana, também afirma que o interesse da vaidade move a aparência, que opera “por intenções movidas pela vontade” (SAES, 2015, p. 133). A isso, ela chama de ‘gramática da aparência’, que, segundo ela, envolve as fraquezas do intelecto e a perversão da vontade humana. Ora, a vaidade é oriunda justamente da própria Vontade, que age sobre o indivíduo e, justamente por conta de sua perversão, o domina cada vez mais, até que o indivíduo seja levado essa vaidade e passe a agir somente em função de seu orgulho.

A desonestidade humana também se origina na consciência humana. De acordo com Schopenhauer, esta permite que o indivíduo desenvolva uma consciência de si, algo que nenhum outro ser vivo consegue. Dela, vem a faculdade de razão, que possibilita a criação de conceitos abstratos. Porém, dela também se origina a capacidade de dissimular, de fingir. O indivíduo, uma vez consciente de si mesmo, e também de seus desejos, é capaz de emular certos tipos de comportamento, a ponto de esconder seu caráter e até mesmo fingir ter outro completamente diferente do seu. Ou seja, ele consegue agir como se fosse outra pessoa, e, inclusive, justificar seu comportamento com argumentos próprios, puramente para que possa ludibriar seu adversário em uma discussão.

É exatamente aqui que está a ligação. Ora, a Dialética Eristica trata justamente disso: movido pela vaidade, o indivíduo compreende sua proposição como necessariamente verdadeira e a de seu adversário como obrigatoriamente falsa. Eis a capacidade de representação afetada pela atração e repulsa, produtos da influência do querer, oriundo da Vontade. Conforme a contenda avança, ele é gradativamente influenciado por seu orgulho, querendo, a todo modo, parecer estar com a ‘razão’. Eis aqui, portanto, a fraqueza do intelecto.



Essa ligação também ocorre na obra schopenhaueriana *A Arte de ter Razão*. Segundo Schopenhauer, um indivíduo que começa um debate, ou mesmo que participa dele, não o faz visando encontrar a verdade ou produzir mais conhecimento. Seu objetivo é meramente defender sua própria tese, independente de ela ser, de fato, válida ou não. É impossível, para ele, proceder de outro modo, pois “as fraquezas de nosso intelecto e a perversão de nossa vontade apoiam-se reciprocamente” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 5). Segundo Chevitarese, em seu *Sobre o Fundamento Metafísico da Dialética Erística de Schopenhauer*, além de referenciar o caráter volitivo, Schopenhauer também trata, aqui, da compreensão da imutabilidade do caráter do indivíduo. Ou seja, ele age assim porque é de seu caráter e, por mais que tenha consciência disso, nunca conseguirá escapar disso, pois sua Vontade o leva a este comportamento.

Eduardo Fonseca, em seu outro artigo *Schopenhauer e os Vínculos entre Vontade*, trata das imperfeições do intelecto humano. O comentador detalha precisamente os aspectos do intelecto que se aliam com o caráter do indivíduo. Fonseca permite uma compreensão mais apurada das motivações de um indivíduo, quando apresenta as duas divisões da consciência humana, sendo que a primeira parte está “ligada indispensavelmente ao querer e outra que, pela sua complexidade, pode tanto estar ao serviço do querer, como em geral está, como também, desligar-se momentaneamente dele” (FONSECA, 2011, p. 122). Schopenhauer divide a consciência em duas partes: uma é constituída pelo intelecto, a outra pelo querer. Enquanto a primeira parte pode obter predominância sobre a outra, não é sempre que isso ocorre e, de fato, dado que o intelecto é fraco e fortemente suscetível à Vontade, então, na maioria das vezes, o indivíduo é movido puramente pelos seus desejos.

De fato, esse modo de proceder em uma contenda é tão imutável quanto o caráter humano, pois é oriundo deste. A obra *Ensaio sobre a Liberdade da Vontade (Preisschrift Über die Freiheit des Willens)*, fornece uma luz sobre esta parte, visto que é nela que Schopenhauer apresenta os quatro aspectos do caráter humano: Primeiro, o caráter é individual e único, mesmo que diferentes indivíduos possuam aspectos comuns entre si; segundo, o caráter é empírico, só pode ser conhecido por meio da experiência, sendo, assim, impossível prever a ação de uma pessoa, apenas analisá-la depois de agir; terceiro, o caráter é imutável, o indivíduo o terá da mesma



forma durante toda sua vida; quarto, o caráter não é influenciado por meios externos e nem accidental, ele é inato e produto da natureza.

Com base nisso, pode-se concluir que o caráter é invariável. Tudo o que o indivíduo pode fazer é entendê-lo. Isso significa que sua forma de agir será sempre a mesma, por mais que as situações sejam diferentes, e sempre persistirá em seu comportamento que o leva a discutir. De fato, o ato de discutir também é uma forma de expressar sua natureza. Então, se o caráter é invariável e uma presentificação da Vontade, aquele que discute o faz simplesmente porque é de seu desejo. Eis aqui mais uma conexão entre a Dialética Erística e a Metafísica da Vontade schopenhaueriana.

Mas o que é a fraqueza do intelecto? A possível resposta para tal pergunta pode ser encontrada em outro artigo de Fonseca, intitulado *Sobre Schopenhauer e as imperfeições do intelecto humano*. Nele, o comentador relata que o filósofo de Danzig discorre sobre essas limitações no segundo volume de seu *Mundo como Vontade e Representação*, em particular o décimo-nono capítulo, *Sobre a Primazia da Vontade na Autoconsciência*. Segundo o autor, “o essencial da consciência presente em todo organismo animal é o desejo” (FONSECA, 2011, p. 122). Deste, o essencial é a satisfação ou a insatisfação.

A capacidade de representação, que ocorre graças ao intelecto, portanto, subordina-se ao querer, produto da Vontade objetivada na consciência humana. Esse querer faz com que o indivíduo sinta atração por algumas representações e repulsa por outras. Ou seja, o indivíduo só aprende o que lhe convém, por mais que, graças à sua capacidade de dissimulação, viva sob a aparência de alguém que associe todas as ideias com igual capacidade.

Ocorre que o intelecto, tão imperfeito, é impotente ante a Vontade. É esta quem toma as decisões, não ele. Para Schopenhauer, ela até pode ser colocada em movimento pelo intelecto, mas, de acordo com Cacciola, em sua obra *Schopenhauer e o Dogmatismo*, ele é impotente até para as próprias decisões, e “toma consciência delas com surpresa, como que pegando-a em flagrante nas suas manifestações” (CACCIOLA, 1994, p. 122). Sua participação é muito limitada, e, mesmo conseguindo afetar a Vontade, o faz com muito esforço. Em suma, o intelecto é apenas um parasita, uma simples função do cérebro que, por mais que tenha utilidade, é bastante limitado.



Da mesma forma que o intelecto tem condição de estimular a Vontade, o oposto também pode ocorrer. Enquanto que um desejo muito forte pode conferir a ele um enorme vigor, a Vontade pode impedir que o intelecto consiga assimilar o que seja penoso para ela. Sua primazia sobre o intelecto é que a coloca como verdadeira responsável pelas decisões da consciência.

Então, a Dialética Erística é, de fato, produto da Vontade. Porém, de modo indireto, uma vez que influencia o comportamento do indivíduo por meio de seu querer. Dado que o debate não é uma busca pela verdade e, segundo Saes, a Erística é “uma dialética nada apaziguadora” (SAES, 2015, p. 132), pode-se concluir que os participantes de uma esgrima intelectual sucumbiram às vicissitudes da Vontade e se deixaram levar completamente por sua própria desonestidade.

Não seria exagero supor que a relação apresentada nesta estrutura teria sido feita por Schopenhauer em algum momento. Afinal, sua *Arte de ter Razão* era apenas um rascunho, visto que ele mesmo a chama de “primeira tentativa”. Mesmo assim, esse esclarecimento é necessário, posto que a Dialética Erística é constantemente subestimada e mal interpretada. Nas poucas vezes em que é tema de pesquisa de algum comentador, em alguns dos casos, ela é erroneamente vista como um mero manual de patifaria. Na verdade, a Dialética Erística de Schopenhauer é parte integrante de sua *Metafísica da Vontade*, e um aspecto não só importante como também dotado de alta utilidade, dentro e fora da filosofia.

### Considerações Finais

Os textos ‘paralelos’ de Schopenhauer, isto é, temas que ele trata, como a Dialética Erística, a Filosofia da História, entre muitos outros, são de fácil compreensão. A *Metafísica da Vontade*, no entanto, é bastante complexa. Não é difícil, então, encontrar o fundamento metafísico por trás de tais textos. A complexidade reside em elucidar exatamente onde está a ligação e como ela é apresentada.

A título de curiosidade, a tradução direta do título *Eristische Dialektik: Die Kunst, Recht zu behalten* para o português significa ‘Dialética Erística: A Arte de ter Razão’. O termo ‘erística’ é baseado na deusa grega da discórdia. Assim sendo, uma possível tradução para sua obra poderia ser ‘Dialética Caótica: A Arte de ter Razão’, ou mesmo ‘Dialética do caos’.



A razão apresentada na metafísica da Vontade não é a mesma que os indivíduos usados nos exemplos da Dialética Erística buscam obter. Trata-se apenas de uma coincidência linguística que ocorre por conta da tradução dos textos de Schopenhauer. No idioma original, alemão, a razão enquanto faculdade do ser humano é *Vernunft*, enquanto que a buscada no debate se chama *Rechthaben*.

A correlação encontrada ao analisar os artigos de Saes e Fonseca foi acidental, posto que nenhum dos artigos faz referência ao outro. É a análise de seus textos juntos que permite tal comparação. Por outro lado, Schopenhauer, em sua obra *A Arte de ter Razão*, faz menção às fraquezas do intelecto, um assunto que ele tratou no segundo volume de seu *Mundo como Vontade e Representação*. Assim sendo, mesmo que não houvesse a análise dos artigos mencionados, em comparação um com o outro, já seria possível analisar a Fundamentação Metafísica de Schopenhauer utilizando seu texto como base.

Do mesmo modo, parece haver um indício de que Schopenhauer planejava desenvolver mais a sua Dialética Erística. Afinal, sua publicação póstuma contém 38 estratégias, e em seu *Parerga e Paralipomena*, § 26, na página 31, ele menciona que havia desenvolvido e reunido “cerca de 40 estratégias” (SCHOPENHAUER, 2000, §26, p. 31). Infelizmente, por conta de seu abandono desses estudos, e da possível perda de conteúdo quando de sua publicação, será impossível saber ao certo o que o filósofo de Danzig realmente teria feito se desenvolvesse esse tema.

Não seria absurdo, também, considerar que, caso Schopenhauer não tivesse abandonado seus estudos sobre esse tema, ele teria feito ainda mais conexões com sua Metafísica da Vontade. Afinal, ele mesmo define seu pequeno tratado como uma “primeira tentativa”. Inclusive, ele a retoma, em partes, em seu segundo *Parerga e Paralipomena*, onde trabalha lógica e dialética no segundo capítulo, relatando até 10 estratégias, em lugar dos trinta e oito apresentados em sua *Arte de ter Razão*.

A Dialética Erística é um dos temas schopenhauerianos mais negligenciados. Não apenas isso, ele também é subestimado, visto como pouco importante, devido a ter sido abandonado por Schopenhauer. Nas poucas vezes que é trabalhado, ele é visto como um manual de patifaria, quando, na verdade, trata meramente de uma sátira, onde o filósofo de Danzig realiza um certo deboche do





comportamento humano, e de como as pessoas apelam para a desonestidade tão facilmente, simplesmente para ficar com a “razão” em uma esgrima intelectual. Com base nisso, trabalhar a Dialética Erística e relacioná-la à Metafísica da Vontade é, certamente, um desafio.

Por conta da enorme disparidade cronológica entre Aristóteles e Schopenhauer, não é possível estabelecer qual dos dois possuiria a definição mais apropriada de dialética. Por mais que Aristóteles tenha estabelecido regras morais para sua técnica de debate, e Schopenhauer tenha a definido com mais rigor e utilidade prática, cada um dos filósofos se baseou no comportamento humano de suas respectivas épocas. O que se pode concluir, no entanto, é que, ao analisar o mundo de hoje em dia, vê-se que a dialética schopenhaueriana parece cada vez mais adequada para indicar como as pessoas se comportam em uma contenda nos tempos atuais, sendo, portanto, mais “atual”.

Em seu *Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer menciona que a capacidade de representar, inerente ao indivíduo, é afetada por seu querer, oriundo da Vontade. Então, o indivíduo só aprende e compreende o que deseja. Esse argumento explica, em parte, a recusa de um oponente em aceitar a possibilidade de estar errado. Seu orgulho o leva a rejeitar afirmações opostas à sua, pois ele quer estar certo. Este desejo, então, distorce seu entendimento de forma tal que ele passa a enxergar uma contestação como um ataque, e considera sua desonestidade uma espécie de defesa a tal ataque.

Schopenhauer define dialética com rigor. Segundo o filósofo de Danzig, ela deve se ocupar do conteúdo de uma proposição, tendo, como finalidade, a disputa intelectual. Dois indivíduos, ao discordarem sobre uma afirmação, apresentarão versões diferentes. Daí, caberá a cada um deles julgar a veracidade da proposição alheia, mas sempre partindo do pressuposto de que a própria tese está correta, para sustentar suas afirmações enquanto contestam os contra-argumentos que recebem. Esse processo ocorre exatamente conforme a dialética natural de cada um dos envolvidos no debate.

Em verdade, a capacidade de representar está presente em todos os seres vivos. A única diferença é a extensão de sua consciência. Está é proporcional à complexidade do organismo que forma cada ser. Por outro lado, a primazia da Vontade sobre o intelecto também é proporcional à extensão de sua consciência,



pois ela a sobrepuja e rege suas ações. Resumidamente, quanto mais complexo for o organismo, mais desenvolvida será sua consciência e, assim, maior será sua susceptibilidade à Vontade, no que tange o ato de suprimir representações que lhe causem repulsa e buscar as que lhe causem atração.

O maior defeito do intelecto é, em verdade, a sua susceptibilidade à Vontade. O que afeta a consciência humana são ocasiões interiores e exteriores, isto é, representações e associações de ideias. Estas ocasiões podem agir separadamente, ou de forma concomitante. Como resultado, elas geram vacilações e confusões do pensamento do indivíduo. Como se isso não fosse o bastante, a Vontade ainda gera o desejo, acarretando em uma atração ou repulsa a parte dessas influências, ou mesmo todas elas.

Mesmo que não sofresse interferências por parte da Vontade, o intelecto humano, por si só, é incompleto. Sendo apenas uma função fisiológica, ele é incapaz de se concentrar numa mesma tarefa por quantidades prolongadas de tempo. Sua imperfeição não se dá por conta de fatores externos, mas sim por sua constituição fisiológica.

É possível que o indivíduo desenvolva consciência da existência da Vontade, e como ela o influencia em suas ações e decisões. Não é possível, de modo algum, suprimi-la ou mesmo apagá-la. Porém, é possível ignorá-la, de modo a adaptar-se e tornar-se o melhor de si tanto quanto for possível. Em seu *Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer chama isso de “consciência da Vontade”.

Dado que Schopenhauer constantemente afirma, em seu MVR, que a Vontade é discordante, isto é, ela se objetiva de maneira que o indivíduo tenha desejos que entrem em conflito, pode-se concluir que um debate é um evento onde duas pessoas combatem as vontades uma da outra. A Dialética Erística, portanto, pode ser considerada uma disciplina que fornece técnicas para lidar com um indivíduo que, tomado por seus impulsos oriundos de seu desejo de ter razão, quer impor sua própria visão do que seria a verdade.



### **Bibliografia**

CACCIOLA, Maria. O. Schopenhauer e a Questão do Dogmatismo. São Paulo: Edusp, 1994

CHEVITARESE, Leandro. Sobre o Fundamento Metafísico da Dialética Erística de Schopenhauer. In: CARVALHO, Ruy; COSTA, Gustavo MOTA, Thiago (Orgs.): Nietzsche – Schopenhauer: metafísica e significação moral do mundo. Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

FONSECA, Eduardo. Schopenhauer e os vínculos entre vontade, intuição e racionalidade. Revista Voluntas, Números 1 e 2, v. 3, n. 1-2, 2012.

\_\_\_\_\_. Sobre Schopenhauer e as imperfeições do intelecto humano. Revista Voluntas, v. 2, n. 1, 2011.

SAES, Sílvia. A arte de ter razão. Revista Voluntas, v. 6, n. 2, 2015.

SANTOS, Katia. A razão prática schopenhaueriana e a ação por máximas. Revista Voluntas, v. 2, n. 2, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. A Arte de ter Razão. Trad. Franco Volpi, SP: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Essai sur le Libre Arbitre [Preisschrift über die Freiheit des Willens]. Trad. Salomon Reinach. Paris: Librairie Félix-Alcan, 1913.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Vontade e Representação. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Vontade e Representação – Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_. Parerga and Paralipomena. Trad. E. F. J. Payne. Vol. I e II. New York: Oxford University Press, 2000.